

COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NA UNIVERSIDADE DE CÁDIZ-ESPANHA¹

Macarena Machín Álvarez²

Isabella Silva dos Santos³

RESUMO

Em resumo, o uso da CNV permite a criação de um cenário de respeito e diálogo em que é possível a troca de opiniões e o desenvolvimento da expressão livre, criativa e crítica. Ela lança luz sobre as relações de dominação existentes na sala de aula e as microagressões que ocorrem como resultado de uma linguagem de poder em que os interesses pessoais e profissionais do professor muitas vezes têm precedência sobre as necessidades e os interesses dos alunos. Esta comunicação baseia-se em uma prática específica que foi desenvolvida com alunos do segundo ano do curso de magistério do ensino fundamental da Universidade de Cádiz. Dentro da estrutura do projeto de inovação e aprimoramento do ensino, os objetivos foram definidos como treinamento de alunos em CNV em um contexto de alfabetização micropolítica. Para isso, foram elaboradas duas aulas teóricas e práticas sobre Comunicação Não Violenta, nas quais, além de fornecer aos alunos conteúdos teóricos e audiovisuais sobre a finalidade e o uso da ferramenta, foram realizados estudos de caso e dramatizações. Depois de recebermos o treinamento, aplicamos a metodologia de uma discussão de diálogo pedagógico em um espaço aberto e em pequenos grupos. Durante essa discussão, debatemos a posição geral dos professores no que se refere à resolução de conflitos na escola, começando com a exibição do vídeo de Jordi Mateu (2008) nos diz que, como adultos, tendemos a ver o conflito como algo negativo, como uma experiência desconfortável da qual queremos escapar o mais rápido possível. Com base nesse recurso visual, os alunos discutem suas próprias experiências. Em segundo lugar, passamos a discutir a praticidade e a relevância da introdução da comunicação não violenta na esfera educacional. Um total de N=64 alunos foi treinado em CNV, nenhum deles tinha treinamento anterior no assunto e todos eles afirmam que essa ferramenta é muito útil na resolução de conflitos de forma positiva e promove o desenvolvimento da empatia entre os alunos e entre professor-aluno.

Palavras-chave: comunicação não violenta, formação docente, escuta ativa, ensino superior

Introdução

A Comunicação Não Violenta (CNV), nas palavras de Rosenberg (2006), consiste em uma forma de relacionamento que respeita a integridade do eu e do outro por meio da

¹ Resultado de un proyecto de innovación y mejora docente de la Universidad de Cádiz, código: sol-202300256963-tra

² Doutora em Ciências da Educação. Investigadora pós-doutoral na Universidad de Cádiz (Espanha), macarena.machin@uca.es;

³ Doutoranda em letras pela Universidade Federal de Sergipe, isabella86@academico.ufs.br

expressão clara e não agressiva das necessidades humanas universais e dos sentimentos que elas geram. O modelo afirma que, quando essas necessidades são insatisfeitas, as emoções geradas serão negativas e, ao contrário, quando as necessidades são satisfeitas, as emoções expressas serão positivas. Por meio do desenvolvimento dessas habilidades, é possível viver um processo dialógico de comunicação horizontal que promove a aproximação em práticas inclusivas e gera espaços para reflexão e comprometimento. Dessa forma, a CNV, além de ser uma habilidade de comunicação desenvolvida e colocada em prática, é, sem dúvida, uma forma de se posicionar como agente político e crítico em relação a uma realidade que se deseja mudar/modificar.

O primeiro passo para adotar a NVC é livrar-se do estilo de comunicação aprendido, que geralmente é mais violento, crítico, sem empatia e que culpa os outros. Rosenberg (2006) identificou esse estilo como “linguagem de chagal”. É um estilo que não busca se conectar com as emoções e necessidades das outras pessoas, mas sim estar acima de tudo, custe o que custar, estar sempre certo e impor nossa opinião. Aplicado ao ambiente educacional, esse estilo é caracterizado pelo uso/abuso de ameaças, comparações, advertências, ordens, acusações, reprovações e sarcasmo; ou seja, formas de expressão violentas que geram sentimentos negativos em quem as recebe e que, no caso de meninas e meninos, podem influenciar a construção de sua identidade pessoal e social. Essas expressões também são apoiadas pela linguagem não verbal que atinge a pessoa que recebe a mensagem por meio do tom de voz, do olhar, da posição rígida e dominante do tronco do corpo, do dedo indicador apontando de forma ameaçadora, dos braços puxados para cima ou cruzados na frente do peito, da cabeça erguida; todos esses atos são transferidos para a outra pessoa, despertando medo, tristeza, raiva, incompreensão, desconexão etc.

Diante desse estilo de comunicação, ou “linguagem do chagal”, a CNV propõe um estilo de comunicação baseado na empatia: a chamada “linguagem da girafa”, que nos posiciona como pessoas observadoras e conscientes de nossos sentimentos, pensamentos e necessidades. Por exemplo, não são as crianças que me irritam, sou eu que perco a paciência (responsabilidade emocional). Não podemos negar que houve um estímulo que despertou algumas emoções e pensamentos, mas eles não são a causa do meu desconforto.

Dessa forma, Rosenberg (2006) usa a imagem do chagal para se referir à parte de cada pessoa que pensa, fala e age de forma desconectada de sua consciência emocional e de suas necessidades, bem como das necessidades e emoções dos outros. O chagal é, portanto, uma girafa com problemas de linguagem. Já a imagem da girafa tenta ser

objetiva, ouvir a si mesma, seus sentimentos e necessidades para se conectar consigo mesma e com os outros por meio da aceitação, da compaixão e da expressão honesta.

Esses dois estilos de comunicação servem como uma estrutura teórica para analisar como os professores abordam e se comunicam com as crianças em um contexto formal e informal. Dentro da estrutura do acompanhamento respeitoso, que faz parte da abordagem da educação viva, a comunicação não violenta é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento humanístico da pessoa.

A ferramenta da CNV tem se mostrado eficaz para promover estratégias de resolução não violenta de conflitos e favorecer a construção de um clima positivo em sala de aula para o aprendizado e a cooperação (AGNEW, 2012; SUÁREZ ET AL., 2014; DZAFEROVIC, 2018), também promove o desenvolvimento de competências emocionais e habilidades de comunicação daqueles que a praticam, ao mesmo tempo em que aumenta a autoeficácia acadêmica e nas relações interpessoais (MADRIGAL Y VARGAS, 2014; MUSEAUX ET AL., 2016; MCMAHON E PEDERSON, 2020). Por fim, é uma ferramenta eficaz para mudanças estruturais, ou seja, para promover mudanças sistêmicas e de paradigma (KOOPMAN E SELIGA, 2021). Em suma, o objetivo é desenvolver competências socioemocionais e comunicacionais na dimensão pessoal e interpessoal com um impacto decisivo no funcionamento de uma organização escolar e, portanto, em suas possibilidades de transformar os processos, as estruturas, as relações e a cultura de um centro educacional.

Materiais e métodos

No âmbito de um projeto de inovação e melhoria do ensino, vários professores se propuseram a ensinar a ferramenta CNV (Comunicação Não Violenta) em nossas disciplinas. Em particular, essa ferramenta foi introduzida em uma sala de aula com N=64 alunos do segundo ano do curso de Educação Primária da Universidade de Cádiz, Espanha, na disciplina de Projeto e Desenvolvimento Curricular II. O objetivo dessa prática era duplo: por um lado, introduzir essa ferramenta na estrutura de análise que estávamos trabalhando na aula teórica sobre micropolítica, conflito e convivência, em que a comunicação assertiva é um elemento relevante; por outro lado, havia um interesse especial em observar e avaliar o impacto que o contato com uma ferramenta com essas características teve para esses alunos.

Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Criar um banco de recursos que concretize as estratégias da CNV no contexto escolar e que seja de uso autônomo para os estudantes.
2. Planejar e ministrar uma aula teórico-prática para apresentar aos alunos o uso dessa ferramenta.
3. Coletar a satisfação dos alunos em relação à prática e sua opinião sobre o impacto da ferramenta em sua formação docente.

Esses objetivos foram desenvolvidos ao longo do ano letivo 2022-2023 no contexto de quatro disciplinas: Didática da Educação Infantil, Observação Sistemática e Análise de Contextos da Educação Infantil, Tutoria e Família na Educação Primária, e Projeto e Desenvolvimento Curricular II da Educação Primária. Os resultados apresentados neste artigo são derivados da participação dos alunos na quarta disciplina mencionada, ou seja, Projeto e Desenvolvimento Curricular II.

Como o projeto seria implementado em disciplinas de dois cursos diferentes com conteúdos distintos, foi essencial realizar reuniões com os professores envolvidos. O objetivo dessas reuniões era consentir o esquema de atividades a serem desenvolvidas, de modo que os alunos conhecessem as bases do Modelo de Comunicação Não Violenta (CNV), adaptando-se aos conteúdos específicos das disciplinas selecionadas. Tratava-se, portanto, de um esquema compartilhado entre os professores, mas suficientemente flexível.

O plano de trabalho para alcançar esses objetivos foi estruturado em quatro fases:

Fase 1: Situação Inicial

a) Sessão sobre conhecimentos prévios: Antes de abordar o Modelo de CNV, uma das sessões em grupo terminou com a coleta dos conhecimentos prévios que os alunos possuíam sobre o tema. Para a sessão seguinte, os alunos deveriam ter lido dois manuais explicativos sobre o modelo.

b) Discussão das leituras e aprofundamento sobre o Modelo de Comunicação Não Violenta de Marshall Rosenberg: A sessão começou com perguntas-chave que os alunos podiam responder após as leituras. Em seguida, a professora apresentou uma explicação teórico-prática sobre o modelo, utilizando o PowerPoint como recurso principal.

Fase 2: Aprofundamento

c) Como nos relacionamos com crianças? Prática de observação: Antes de aplicar o modelo na prática, consideramos necessário que os alunos dos cursos de Educação refletissem sobre como os adultos costumam se comunicar com crianças. Para isso, foi elaborada uma atividade de observação direta de situações cotidianas em que adultos interagiam com crianças.

Fase 3: Aplicação Prática

d) Aplicando o Modelo de Comunicação Não Violenta de Marshall Rosenberg: Nesta fase, os alunos internalizaram o modelo por meio da dramatização. Em grupos, os estudantes prepararam duas cenas baseadas em casos reais vividos por eles. A primeira cena mostrava um conflito tratado com comunicação violenta (modo "chacal"); a segunda apresentava o mesmo caso abordado com o modelo CNV, seguindo os quatro passos propostos por Rosenberg (modo "girafa"). Enquanto cada grupo apresentava suas cenas, os demais avaliavam se os passos da CNV estavam sendo seguidos. Posteriormente, os grupos podiam entregar o roteiro com correções sugeridas pelos colegas e pela professora.

Fase 4: Avaliação

e) Avaliação: Após o desenvolvimento das fases anteriores, os alunos responderam a um questionário para expressar sua percepção sobre o conteúdo trabalhado e a utilidade da CNV na educação.

Discussão

A introdução da Comunicação Não Violenta (CNV) como ferramenta pedagógica na formação inicial de professores representa uma iniciativa inovadora e necessária diante dos desafios contemporâneos da educação. Ao integrar a CNV na disciplina Projeto e Desenvolvimento Curricular II, o projeto desenvolvido na Universidade de Cádiz buscou não apenas ampliar o repertório comunicativo dos futuros docentes, mas também promover uma reflexão crítica sobre os estilos de comunicação predominantes nas interações escolares. A escolha da CNV como eixo temático dialoga diretamente com os conteúdos de micropolítica, conflito e convivência, oferecendo aos alunos uma

abordagem mais empática e assertiva para lidar com situações de tensão no ambiente educacional.

A metodologia adotada no projeto foi cuidadosamente estruturada em quatro fases, permitindo uma progressão coerente entre teoria e prática. A coleta de conhecimentos prévios e a leitura de textos introdutórios sobre o modelo de Marshall Rosenberg prepararam os alunos para uma compreensão mais profunda da CNV. A atividade de observação direta de interações entre adultos e crianças revelou-se uma estratégia eficaz para sensibilizar os estudantes sobre os padrões comunicativos que muitas vezes passam despercebidos.

Os resultados obtidos demonstram que a proposta foi bem recebida pelos alunos, que reconheceram a relevância da CNV para sua futura atuação profissional. Os depoimentos coletados evidenciam que os estudantes valorizaram tanto o conteúdo quanto as metodologias utilizadas, destacando a aplicabilidade da CNV na prática docente e a importância de desenvolver habilidades comunicativas respeitosas e eficazes. A dramatização, em especial, foi apontada como uma atividade envolvente e transformadora, capaz de ilustrar de forma clara a diferença entre estilos comunicativos e suas consequências no contexto escolar.

Resultados

O número total de alunos matriculados na disciplina de Projeto e Desenvolvimento Curricular foi N=64. Como a presença é obrigatória na nossa faculdade, todas as sessões tiveram alta participação. Durante a fase de detecção de ideias prévias, a maioria dos alunos afirmou não ter ouvido falar sobre CNV anteriormente, embora conhecessem estratégias como escuta ativa e pedidos honestos. Antes da introdução do conteúdo, associavam a CNV à ideia de lidar com conflitos com um “não é nada”, um modelo reativo de gestão de conflitos, em que o conflito é visto como algo negativo que deve ser interrompido rapidamente. Essa percepção era compartilhada pela maioria, que considerava importante gerenciar conflitos em sala de aula, pois as crianças não têm ferramentas para isso.

Na pesquisa de satisfação, todos os alunos consideraram útil abordar esses conteúdos na formação docente, destacando sua aplicabilidade na profissão:

“A comunicação não violenta é bastante útil para nossa atuação, pois trata de emoções, considera a opinião das crianças e promove a escuta ativa por parte do docente.” (E8)

“Acho muito útil, pois nos faz perceber de outra forma a importância de uma comunicação correta com os pequenos, e a dramatização nos ajudou a enxergar isso.”(E15)

“Sim, porque um (a) docente deve possuir boas ferramentas comunicativas, já que será modelo e referência para seus alunos. ” (E5)

“É importante aprender essas estratégias que tornam a mensagem em sala mais respeitosa e compreensível.” (E21)

“Acredito que é um tema essencial no curso que estamos fazendo e deveria estar presente em todos os cursos relacionados à educação, especialmente nos que envolvem trabalho com crianças.”(E28)

“Achei muito útil porque vai nos ajudar na futura atuação docente e mostra como não devemos agir, além de fornecer os recursos e chaves para aplicar essa comunicação com crianças da educação infantil. ” (E39)

A metodologia utilizada nas dramatizações também foi bem avaliada:

“Lembro que adorei essa prática, foi muito divertida de representar com minhas colegas e ficou claro a diferença entre comunicação violenta e não violenta.”(E5)

“A dramatização foi muito útil, nos fez ver de outra forma a importância da comunicação correta com os pequenos.”(E15)

“É um tema de vital importância nas salas de aula, e a dinâmica da dramatização foi muito envolvente, favorecendo a atenção e reflexão. ” (E33)

“A dramatização nos ajudou muito a internalizar o conceito. ” (E42)

“Achei muito útil a introdução do tema, não é algo óbvio que se aprende na universidade, e adorei a dramatização em grupo, foi uma aula muito dinâmica e interativa. Gostei muito! ” (E38)

Quanto à atividade de observação como técnica metodológica para introduzir a CNV na formação universitária, a maioria dos alunos também a considerou acertada:

“Foi uma prática importante, pois muitas vezes não percebemos como falamos ou nos dirigimos às pessoas. ” (E4)

“É uma prática muito positiva, pois nos permite ver e distinguir diferentes formas de agir nessas situações, podendo corrigir o que afeta negativamente o comportamento da criança de forma não agressiva. ” (E7)

“Gostei muito de perceber como algumas pessoas agem com seus filhos e analisar esses comportamentos. ” (E12)

No entanto, alguns estudantes relataram certa dificuldade na realização da prática, o que deve ser considerado em cursos futuros:

“Achei interessante, mas um pouco desconfortável ao mesmo tempo, caso os observados percebessem.” (E15)

Com esses resultados, concluímos que as atividades desenvolvidas para introduzir a CNV na formação docente inicial foram adequadas, embora alguns ajustes sejam necessários. Em suma, os alunos perceberam a ferramenta como útil em sua formação e ela contribuiu para a sensibilização em relação à comunicação assertiva, diferenciando-a de outros estilos comunicativos.

Conclusão

O uso da CNV permite a criação de um cenário de respeito e diálogo em que é possível a troca de opiniões e o desenvolvimento da expressão livre, criativa e crítica. Também, por meio do desenvolvimento dessas habilidades, é possível vivenciar um processo dialógico de comunicação horizontal que favorece a aproximação em práticas inclusivas e gera espaços de escuta, reflexão e comprometimento. A proposta consiste, portanto, como diz Guzman (2020), em aprender a se comunicar não apenas de forma eficaz, mas também afetiva. Essa ferramenta implica aprender, como adultos, a compartilhar nossos pontos de vista sem julgar, nossas emoções, necessidades e demandas, respeitando a liberdade pessoal de cada pessoa, e ser capaz de romper com padrões relacionais de poder com o objetivo de promover relacionamentos empáticos e facilitar a conexão com a outra pessoa. A CNV é útil em sua vida diária, tanto na esfera privada quanto na profissional, embora nesta ocasião ela seja especialmente voltada para desconstruir e transformar os relacionamentos que são estabelecidos especialmente na esfera educacional, com base no fato de que a educação não é apenas um ato comunicativo, mas também político.

Referências

- AGNEW, E. **Needs and Noviolent Communication in the Religious Studies Classroom**; 2012, *Teaching Theology and Religion*, 15 (3).
- DZAFEROVIC, M. **The effects of implementationa Program of Non Violent Communication on the Causes and Frequency of Conflicts among Students**; 2018, *Tm-technisches Messen*, 057-074.

- GUZMAN MORA, O. **Comunicación no violenta: una Puerta hacia una nueva mediación pedagógica.** *II Congreso internacional de Educación: una nueva mirada en la mediación pedagógica*, 2020.
- KOOPMAN, S. AND SELIGA, L. **Teaching peace by using nonviolent communication for difficult conversations in the college classroom**; 2021, *Peace and Conflict Studies*, (27)3.
- MADRIGAL VILLEGAS, V. y VARGAS BARQUERO, V. **Implementación de estratégias de la comunicación no violenta y la educación emocional em el aprendizaje de um segundo idioma**, *Revista de Linguas Modernas*, 20, 2014
- MCMAHON, S. M., PEDERSON, S. **Love and compassion not found elsewhere: A photovoice exploration of restorative justice and nonviolent communication in a community-based juvenile justice diversion program**; 2020, *Children and Youth Services Review*, 117.
- MUSEAUX, A.C., DUMONT, S., CAREAU, E. y MILOT, É. **Improving interprofessional collaboration: The effect of training in nonviolent communication**, 2016, *Social Work in Health Care*, 55(6).
- ROSENBERG, M. **Comunicación no violenta. Un lenguaje de vida. Desarrolla habilidades para relacionarse en armonía con tus valores**; 2006, Gran Aldea editores.
- SUÁREZ, A.; LEE, D.Y., ROWE, C., VALENZUELA, J., PRECHT, A., MUÑOZ, C., GONZÁLEZ GARCÍA, G. **Freedom Project: Nonviolent Communication and Mindfulness Training in Prison**, 2014, SAGE Open.